

HISTÓRIA E LITERATURA: JORGE AMADO, SEUS ROMANCES E AS QUESTÕES HISTÓRICAS NOS ANOS 1930

Rafaela Mendes da Silva¹



Francisco Wilton Moreira dos Santos²



Resumo: Este artigo pretende abordar a relação estabelecida entre História e Literatura e como essa relação, enquanto campo de estudo, pode ser pensada na análise de três obras do escritor brasileiro Jorge Amado: *Cacau* (1933), *Suor* (1934) e *Capitães da Areia* (1937), traçando assim uma empreitada interdisciplinar. Primeiramente faremos uma incursão a respeito do uso da literatura pela História; em seguida, um apanhado sobre a produção literária de Jorge Amado, suas fases, tipo de escrita, posturas etc. Por fim, refletiremos acerca da produção do autor nos anos 1930. Embasados em uma análise teórico-conceitual de autores que pensam a relação história-literatura e em uma análise da obra amadiana, iremos compreender como a obra literária de Amado, produzida nos anos 1930, representada pelos livros supracitados, pode ser vista como objeto de investigação da história. Diante da análise, nos demos conta que algumas produções de Jorge Amado desse período podem ser vertentes para pensar questões históricas, tais como a relação trabalhador-patrão, a degradação urbana e o abandono social de menores.

Palavras-chave: Literatura. História. Jorge Amado.

HISTORY AND LITERATURE: JORGE AMADO, HIS NOVELS AND HISTORICAL ISSUES IN THE 1930S

Abstract: This article intends to approach the relationship established between History and Literature and how this relationship, as a field of study, can be thought of in the analysis of three works by the Brazilian writer Jorge Amado: *Cacau* (1933), *Suor* (1934) and *Capitães da Areia* (1937), thus outlining an interdisciplinary endeavor. Firstly, we will make an incursion into the use of literature in History, then we will make an overview of Jorge Amado's literary production, its phases, type of writing, postures, etc. Finally, we will reflect on the author's production in the 1930s. Based on a theoretical-conceptual analysis of authors who think about the history-literature relationship and an analysis of Amado's work, we will understand how Amado's literary work, produced in the 1930s, is represented by the aforementioned books, it can be seen as an object of investigation in history. In view of the analysis, we realized that some of Jorge Amado's productions from that period can be used to think about historical issues, such as the worker-boss relationship, urban degradation and the social abandonment of minors.

Keywords: Literature. History. Jorge Amado.

HISTORIA Y LITERATURA: JORGE AMADO, SUS NOVELAS Y TEMAS HISTÓRICOS DE LOS AÑOS 30

Resumen: Este artículo tiene como objetivo abordar la relación que se establece entre Historia y Literatura y cómo esta relación, como campo de estudio, puede pensarse en el análisis de tres obras del escritor brasileño Jorge Amado: *Cacau* (1933), *Suor* (1934) y *Capitães da Areia* (1937),

¹ Mestranda do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras (MIHL), pela Universidade Estadual do Ceará (UECE/FECLESC). Graduada em Licenciatura Plena em História, pela UECE, campus FECLESC. Pesquisadora do campo História e Literatura. Pesquisadora bolsista da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

² Doutorando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPHR/UFRRJ). Mestre Interdisciplinar em História e Letras (MIHL) pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central - FECLESC da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Possui Graduação em História (Licenciatura Plena) pela mesma instituição.

esbozando así un esfuerzo interdisciplinario. En primer lugar, haremos una incursión en el uso de la literatura en la Historia, luego haremos un repaso a la producción literaria de Jorge Amado, sus fases, tipo de escritura, posturas, etc. Finalmente, reflexionaremos sobre la producción del autor en la década de 1930. A partir de un análisis teórico-conceptual de autores que reflexionan sobre la relación historia-literatura y un análisis de la obra de Amado, entenderemos cómo la obra literaria de Amado, producida en la década de 1930, está representado por los libros antes mencionados, puede ser visto como un objeto de investigación en la historia. A la vista del análisis, nos dimos cuenta de que algunas de las producciones de Jorge Amado de ese período se pueden utilizar para reflexionar sobre cuestiones históricas, como la relación trabajador-patrón, la degradación urbana y el abandono social de los menores.

Palabras clave: Literatura. Historia. Jorge Amado.

Introdução

A Literatura pode ser uma fotografia do tempo. A ficção é porta de entrada para um mundo, para uma época e principalmente para o conhecimento de certas ações humanas. A História é o ofício que estuda as ações dos homens no tempo, relembrando Bloch: História é “Ciência dos homens”, dissemos. É preciso acrescentar: “dos homens, no tempo” (BLOCH, 2001, p. 55). Assim sendo, notamos que ambas estão relacionadas ao conceito de tempo, ambas registram, marcam, problematizam e descobrem caminhos diversos para se entender os mais complexos dilemas humanos no decorrer do tempo.

A literatura, como arte, representa uma dimensão de conhecimento de mundo bastante profundo, uma vez que lida com subjetividades, com sentimentos, experiências e sensibilidades. É incrível perceber que Gabriel García Márquez, ainda que se utilize da fantasia e do realismo maravilhoso, traça um panorama bastante profundo da América Latina, da cultura e uma reflexão densa sobre a ação do tempo nas diversas gerações da família Buendía em sua obra prima *Cem anos de solidão* (1967). Interessante perceber como os romances de José de Alencar estão diretamente ligados às ideias de Brasil, à causa de fundação da nação e como isso pode ser problematizado, a fim de pensarmos não só o contexto, mas também os propósitos da literatura alencariana enquanto projeto.

A história, como ciência, em seu longo processo de continuidades e descontinuidades sofre mudanças em suas metodologias e na sua escrita, mas nunca deixa de ser narrativa. Sim, concordado com Paul Ricoeur (1994), história é narrativa. A história existe com a intenção de narrar acontecimentos, o que pode variar é a abordagem. Podemos partir de uma abordagem construtivista, reconstrutivista ou desconstrucionista, mas certos de que estamos lidando com narrativas e pensamentos produzidos socialmente.

É sobre narrativas, ditas reais ou ficcionais, que nos debruçamos ao pesquisar o campo história-literatura, algo que não é simples e que requer um meio específico de

abordagem, indicada pelos teóricos da área. Pensar a literatura enquanto fonte histórica, mas também enquanto marco criativo, enquanto inspiração para a escrita da história.

Inicialmente construiremos um panorama histórico de como se deu a relação entre História e Literatura, seus embates e dificuldades até o estabelecimento desse campo vastamente investigado e produtivo atualmente. Em seguida, discorreremos um pouco sobre a literatura do escritor baiano Jorge Amado, como suas obras impactaram a sociedade brasileira, em que tempos e espaços escreveu, com quais objetivos e demandas, intuindo responder à questão: qual a contribuição de sua produção para a história da literatura brasileira e para a história do Brasil?

Por fim, traçaremos a discussão acerca da literatura de Amado nos anos 1930 e como esta se insere na história do Brasil. Estaremos diante de uma reflexão a respeito de assuntos tratados pela história, pensados na ficção de Jorge Amado. Diante disso, obteremos um caminho de pesquisa dentro do campo História e Literatura que prezamos ser importante para pensar a pesquisa interdisciplinar.

Não cabe repetir, mais uma vez, o que variados trabalhos já concluíram sobre Jorge Amado, que ele é um dos construtores da cultura brasileira, sujeito de grande importância para a identidade nacional, além de um escritor ligado às questões políticas³, mas pensar o quanto sua forma literária dos anos 1930 dialogou com a forma histórica, como sua capacidade de falar da Bahia remonta um caminho para pensar a história do Brasil.

História e Literatura

Atualmente temos um campo de estudos dentro da ciência História dedicado a estudar a literatura como fonte histórica e perceber os diversos caminhos de investigação que contemplam essa relação tão profícua entre a ciência História e a arte Literatura. Todavia, nem sempre tivemos, no mutável mundo do conhecimento, essa relação tão bem estabelecida. Houve resistências dos historiadores em pensar a literatura como fonte, pois havia a concepção positivista no século XIX alegando que literatura, por ser ficção, não seria fidedigna e, portanto, não seria passível de ser fonte histórica.

³ O ensaio de Roger Bastide, intitulado *Sobre o romancista Jorge Amado*, onde se observa as diversas facetas da produção do autor, separando-a em ciclos, um deles dedicado às questões culturais. Os estudos de Eduardo De Assis Duarte em *Jorge Amado: romance em tempo de utopia* (1995) demonstram a forte ligação entre as forças político-partidárias e a criação romanesca do autor.

Faz-se necessário uma história da relação aqui abordada. Se a literatura encontra dificuldades para entrar no *hall* de estudos dos historiadores, antes disso a própria História encontra desafios para ser vista como conhecimento acadêmico e científico. Foi somente, na segunda metade do século XIX, que a História se tornou uma disciplina acadêmica. Em uma constante busca do *status* de Ciência, ainda hoje presente, a História tem dificuldades de reafirmar seu conhecimento como essencial para a humanidade, visto os percalços em legalizar e legitimar a profissão de historiador (a) no Brasil, profissão esta que só veio a ser reconhecida em lei no ano de 2020⁴.

A literatura não era vista como fonte, em contrapartida aos documentos oficiais na segunda metade do século XIX. A Escola Metódica Francesa⁵, com sua forte influência positivista no que concerne ao entendimento da história como ciência, não via a possibilidade de a literatura revelar tanto sobre um determinado período histórico como outras fontes já consagradas (BARROS, 2011). Com a renovação da historiografia no século XX, a Escola dos Annales⁶ vem com uma nova proposta, a da “história problema”:

Contrapondo-se à historiografia político-factual da Escola Metódica, eles [os representantes da Escola dos Annales] colocaram em pauta a *História-problema*, orientada para a compreensão da complexidade e da totalidade das experiências humanas. É assim que passaram a dar ênfase aos processos sociais e econômicos, e, nas décadas seguintes, também aos aspectos mentais das civilizações (FERREIRA, 2014, p. 63).

Nessa nova direção, a historiografia abre caminhos para pensar possíveis fontes que possam dar conta dos processos mentais da civilização, o que vai requerer uma tarefa interdisciplinar, ou seja, a História teria que dialogar com outras áreas do conhecimento, dentre elas, a Literatura. Nesse processo, temos a presença da História das Mentalidades, também contributiva no processo de ver a fonte literatura como objeto de investigação.

Com a Nova História, temos um alargamento do conceito de documento histórico, não tendo como pretensão a busca incessante pela verdade absoluta e única da história. A

⁴ De acordo com o “Art. 1º Esta Lei regulamenta a profissão de Historiador, estabelece os requisitos para o exercício da atividade profissional e determina o registro em órgão competente” (LEI Nº 14.038, DE 17 DE AGOSTO DE 2020, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2020/lei/114038.htm).

⁵ A Escola Metódica Francesa foi um movimento que contribui para o entendimento da História como ciência, no fim do século XIX. Tinha uma forte influência positivista, mas também bebia das ideias do historicismo (BARROS, 2011).

⁶ A Escola dos Annales é uma corrente historiográfica já do século XX e propõe uma nova visão dos fatos que era contrária ao positivismo. Junto a isso, também postulavam críticas ao Historicismo: “O principal ponto de articulação das críticas que os Annales desfecham tanto contra os setores mais factuais do historicismo, quanto contra a influência positivista incorporada pela Escola Metódica francesa, refere-se à notória questão da ‘História-Problema’ (...)” (BARROS, 2010, p. 9). Seus principais representantes foram Lucien Febvre e Marc Bloch.

literatura, sendo ficção, ganha mais espaço e por fim passa a ser um largo ambiente de conhecimento para historiadoras e historiadores. Os teóricos ingleses entram nessa nova forma de fazer história com a preocupação de pensar a cultura e “ao dedicarem atenção especial à cultura para a compreensão das relações sociais, eles encontram na produção literária uma das fontes mais significativas” (FERREIRA, 2014, p. 65). O teórico e crítico literário inglês Raymond Williams (2015) traz importantes contribuições para pensar a cultura e a literatura como espaços frutíferos para o conhecimento humano ao pensar a historiografia marxista e a nova visão a respeito do materialismo histórico.

Depois desse longo caminho, hoje nós dispomos de obras como *Machado De Assis, Historiador* (2003), do historiador Sydney Chalhoub, que pensa a literatura machadiana como registro do tempo, expondo que é bastante possível construir preciosas análises no campo História-Literatura. A ficção ganhando *corpus* de fonte.

Sabemos que a tarefa de pensar História e Literatura como bases para uma pesquisa requer uma postura interdisciplinar. Mesmo com a visão positiva de diferentes autores sobre a interdisciplinaridade, tais como Ivani Fazenda⁷ (2008), de forma mais abrangente e com textos mais direcionados à educação; e, especificamente, no campo da História, José D’Assunção Barros, com *Interdisciplinaridade na História e em outros campos do saber* (2019), a mesma enfrenta críticas e dificuldades para se efetivar de forma profícua. Assim como bem nos lembra Ivo Tonet (2008) ao falar da interdisciplinaridade como necessidade (algo que historicamente se impõe como imperativo) e como problema (algo que se impõe como desafio a ser decifrado), o trabalho de tecer relações e caminhos entre diferentes ciências requer superar desafios teóricos e metodológicos e criar novas portas para a pesquisa. Aventurar-se pela interdisciplinaridade entre a ciência humana História e a arte Literária requisita um conhecimento crescente e o reconhecimento de que toda proposta interdisciplinar impõe assumir riscos.

Partindo agora para um debate mais específico, o da historiografia no Brasil, vamos nos ater às considerações do já citado historiador José D’Assunção Barros, pois o mesmo traça uma discussão importante acerca dos encontros entre História e Literatura. Segundo o autor:

[...] a História, ainda que postule ser uma ciência, é ainda assim um gênero literário; a Literatura, ainda que postule ser uma Arte, está diretamente

⁷ A autora trata dos desafios da interdisciplinaridade na organização de obras como *O que é interdisciplinaridade?* (2018) e *Didática e Interdisciplinaridade* (2005).

mergulhada na História: é a história que a constitui enquanto um gênero produzido pelo homem e incontornavelmente inserido a temporalidade; e é ainda da História que a Literatura extrai boa parte de seus materiais – seja da história dos historiadores ou da história vivida, mesmo que esta seja a história anônima, vivida diariamente através dos dramas pessoais que não se tornam públicos (BARROS, 2010, p. 2).

Diante de tais considerações, nos damos conta de como História e Literatura estão intimamente ligadas e que essa relação supera a incerteza da obra de ficção ser fonte passível de uso para o trabalho do historiador. A partir desta premissa, o que podemos pensar, além disso, é que a História, assim como a Literatura, são narrativas do tempo. Uma convém bastante à outra: a literatura pode servir para a história como modelo pleno e interessante de escrita. Não adianta investigar os fatos, é preciso saber contá-los, e a linguagem literária pode ajudar e muito o profissional da História. De modo similar, o escritor, quando decide escrever um romance e opta por determinado período da história, pode recorrer ao conhecimento histórico para embasar sua narrativa ficcional.

Salientarmos que “a literatura vale-se de narrativas não necessariamente compromissadas com acontecimentos, mas diretamente interessadas em mostrar como as pessoas concebem, vivenciam e representam a si mesmas e ao mundo ao qual estão inseridas” (ABUD, SILVA, ALVES, 2010, p. 44). Portanto, se debruçar sobre um relato literário não é, necessariamente, buscar verdades, e sim analisar a escrita como produto do tempo, como as demandas sociais interferem na escrita de determinado romancista, quais impactos uma obra causa em determinada sociedade.

Em relação ao Brasil, como se vê a relação História-Literatura? Virgínia Camilotti e Márcia Regina Naxara apresentam um pouco de como essa relação se dá, fazendo, assim, um histórico da literatura como “histórias da nação”:

Na aproximação entre o literário e o político, adquire centralidade, mais uma vez, a ideia de formação, em especial se pensamos na produção literária e historiográfica sobre o Brasil dos séculos XIX e XX. Desde o início do século XIX repercutem os vínculos entre literatura e história, ou melhor, das histórias literárias transfiguradas em histórias da nação, além dos inúmeros projetos de construção da nação e de suas perspectivas futuras que levam em conta as leituras de sua história. Ideia de matriz romântica, pela qual a nação se faz em grande parte por suas letras – concepção que atravessa, também, o século XX. Concepção de que resultaram propostas estético-políticas que pensavam a construção do país – Brasil – por suas letras, natureza e artes e, mais tarde, pela re-descoberta do mesmo ou de um *outro* Brasil, também pelas mesmas/outras letras, natureza e artes, que fossem capazes de dizer da nação, de dar-lhe uma visibilidade consciente e moderna, inserindo-o, como sempre “sonhado”, na senda do progresso e da civilização. Mas não somente isso, tratava-se de redescobrir a nação e seu sentido, pautado na inspiração da cultura popular (CAMILOTTI; NAXARA, 2009, p. 45-46).

As autoras se referem a uma questão muito importante quando falamos em literatura brasileira: a literatura como formação da nação. Vários escritores ficcionistas empenharam suas obras em retratar a idealização de nação. José de Alencar (1829-1877), com o romantismo e o plano político de nacionalização e com a ideia da mestiçagem, também pensada por Karl Philip Von Martius⁸, naturalista alemão estudioso da história do Brasil, que delineia ideias de como a história do Brasil deveria ser escrita, levando em consideração aspectos da miscigenação das raças, algo que veio a influenciar bastante os historiadores brasileiros do século XIX.

A literatura abolicionista na figura do poeta Castro Alves (1847-1971), que pensava uma nação livre e civilizada. Lima Barreto (1881-1922) nas primeiras décadas da república, com seus personagens tão marcantes, tal como Policarpo Quaresma, vem nos mostrar um Brasil que precisa ter suas questões sociais e políticas mais bem refletidas numa perspectiva mais crítica da ficção. No campo da análise teórica em si, não podemos deixar de salientar a importância de estudos, a exemplo de *Literatura e Missão* (1983), de Nicolau Sevcenko, que nos deram bases essenciais para pensar a literatura brasileira e seus produtores na segunda metade do século XIX e início do século XX no Brasil. São esses exemplos que nos fazem refletir acerca das funções da literatura brasileira para a história.

Cientes das ocorrências da união entre História e Literatura, e de que a literatura brasileira tem um potencial importante para pensarmos a história do Brasil, pensemos agora que um exame histórico sobre a literatura brasileira seja interessante tanto através de uma *análise textual* (interna) da fonte, quanto uma *análise contextual* (externa) da fonte (FERREIRA, 2014, p. 82). A primeira leva em consideração o texto em si e seus aspectos linguísticos; a segunda prioriza o espaço social e a cultura em que a obra foi escrita. A análise contextual é mais cara ao historiador e à historiadora, no entanto, ambas podem ser contributivas no olhar da história sobre a literatura. Aqui priorizaremos a análise contextual, visto que buscamos entender a escrita literária como aporte para pensar a história.

Por fim, não cabe pensar que a obra literária é tal qual um documento escrito em cartório, como uma ata ou um periódico. A literatura tem suas especificidades, embora possa ser relato do real, ainda é ficção. Enquanto historiadoras e historiadores, não

⁸ Este autor escreveu o texto “Como escrever a história do Brasil”, publicado em 1845. Esse texto ganhou o concurso do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), criado em 1840, para subsidiar questões a respeito da construção da história do Brasil.

estamos preocupados em encarar a literatura como “prova”, já passamos dessa fase da historiografia. O que pretendemos é perceber a historicidade da obra, o tempo, a escrita, o assunto, a cultura, as intencionalidades dos autores etc. Tudo isso demarca preciosos caminhos para a compreensão da sociedade.

A literatura de Jorge Amado

Jorge Amado nasceu em uma fazenda de nome Aurícidia, num arraial próximo à Itabuna, no estado da Bahia em 1912⁹. Filho de um produtor de cacau e de uma dona de casa, ele viveu boa parte de sua infância e adolescência na cidade de Ilhéus, também na Bahia. Logo cedo entrou no mundo das letras e já dava indício de que seguiria profissionalmente por esses caminhos, mas, por vontade do pai, acaba indo estudar Direito na Universidade do Rio de Janeiro (atual UFRJ), entretanto, nunca chegou a exercer a profissão de advogado, se dedicou ao jornalismo e à escrita de romances que ganhariam o mundo.

É comum em trabalhos sobre Jorge Amado se falar em “fases de produção literária de Jorge Amado”, no entanto, não existe um consenso que engesse as obras do autor em segmentos separados. O que não impede que percebamos rupturas e descontinuidades em suas intenções literárias. Alguns críticos detalham de forma pormenorizada cada momento de produção do autor. É o caso de Eduardo Portella (1972), com “a fábula em cinco tempos”, e Roger Bastide (1972), com os três ciclos. A divisão de Portella é mais extensa: “êsse processo divide o plano da execução em cinco tempos nitidamente demarcados, e que seria o tempo da elaboração motivadora, o da motivação baiana, o da motivação telúrica, o da motivação política e, finalmente, o tempo da motivação pluridimensional” (PORTELLA, 1972, p. 72). Para cada tempo, Amado teve uma motivação diferente em destaque, desde os primeiros tempos, com ânsia da denúncia social, até a ampliação dos assuntos com as obras maiores e mais conhecidas, como *Gabriela, cravo e canela* (1953). Outra divisão é a de Roger Bastide (1972), que pensa a obra de Jorge Amado em ciclos. O primeiro é composto pelos romances iniciais, dedicado às ideias comunistas e à denúncia de problemas sociais, representado por *País do Carnaval* (1930), *Cacau* (1933), *Suor* (1934) e *Jubiabá* (1935).

Antes de se apresentar como romancista, Amado escreveu *Lenita* (1930) e alguns contos e crônicas no jornal baiano *O Momento*, nos anos que o escritor produzia *O país*

⁹ Há dúvidas obre o local de nascimento do escritor. Essa versão é da pesquisa de Josélia Aguiar, historiadora e biógrafa contemporânea de Jorge Amado.

do Carnaval, que foi considerado o seu primeiro romance, ignorando a produção do citado *Lenita*. Essas produções geralmente não são inclusas em sua obra completa. Quando falamos em posicionamento político do autor, vamos ter “um indeciso no primeiro livro [*País do Carnaval*], assumia a militância de esquerda em *Cacau* e *Suor*, os dois “cadernos de aprendiz”, como disse anos depois, e cada um inaugurou as vertentes rural e urbana do romancista que iria se tornar” (AGUIAR, 2018, p. 68). Assim percebemos que *Cacau* e *Suor* traziam a história do povo, o primeiro com o dia a dia dos trabalhadores grapiúnas¹⁰ na zona caucaueira em Ilhéus, e o segundo com a vida no Pelourinho e seus moradores artistas, retirantes, rameiras etc. Amado contava naqueles romances, ao quais se referiu como “cadernos de aprendiz”, a história do povo baiano.

Outra declaração de Amado que nos faz refletir acerca de sua produção da década de 1930 é a entrevista que ele concede à Alice Raillard, em 1990, posteriormente, publicada como livro, sob o título *Conversando com Jorge Amado*. Nesta entrevista, o autor fala um pouco das suas intencionalidades e de seus colegas escritores modernistas: “não nos pretendíamos modernistas, mas modernos: lutávamos por uma literatura brasileira que, sendo brasileira, tivesse um caráter universal; uma literatura inserida no momento em que vivíamos e que se inspirava em nossa realidade, a fim de transformá-la” (AMADO *apud* RAILLARD, 1990, p. 36).

Assim, compreendemos que, além da intenção de contar as vivências do povo, a literatura de Amado produzida naquele período ansiava por narrar o momento e seus problemas, ou seja, uma literatura engajada.

Em outro momento de sua longa carreira, após o período de engajamento social, Amado se dedicou à escrita do gênero crônica de costumes, visto no seu emblemático *Gabriela, cravo e canela* (1958), *Dona Flor e seus dois maridos* (1956) e *Tieta do Agreste* (1977). São histórias mais voltadas às essências humanas, às personalidades e subjetividades, mas sem deixar de lado por completo sua crítica social. Outras variadas obras de Amado demonstram essas duas tendências, algumas mais inclinadas para a crítica social e outras mais para a crônica de costumes. Essa divisão em fases não significa dizer que houve ruptura de uma fase para outra, apenas ficou mais nítida a flexibilidade de escrita do autor.

Sobre essa mudança de foco ao longo de sua carreira, o próprio autor explica:

¹⁰ “Grapiúna” é a nomeação dada aos moradores da zona do cacau da Bahia. Esse termo é largamente utilizado por Jorge Amado em sua escrita. Seu livro de memórias intitulado *Menino Grapiúna*, lançado em 1992, é exemplo.

No decorrer do meu amadurecimento como escritor, essa unidade adquiriu esta ou aquela característica mais sensível. Nos meus primeiros livros busquei reforçar a ação através do panfleto político e do discurso doutrinário acentuando a existência dos problemas sociais expondo soluções. Nos últimos livros, as existências dos problemas sociais, os conflitos políticos, a conotação doutrinária resulta tão somente da ação descrita e não do panfleto e discurso, o que significa um avanço, seja na qualidade literária, seja inclusive na condição de engajamento de minha literatura. Ademais um novo elemento da luta, o riso somou-se aos anteriores, arma poderosa (AMADO *apud* CALIXTO, 2011, p. 19).

Jorge Amado era um intelectual sempre disposto a falar sobre suas publicações, tanto que deixou um registro considerável de entrevistas para a TV, jornais e revistas. Esta fala acima revela sua posição enquanto escritor que usou do discurso panfletário em suas obras iniciais, algo que exploraremos mais adiante. Até que ponto sua literatura chega às classes menos abastadas? Mesmo que tenha sido considerado um escritor popular, sua obra ainda era consumida por uma gama intelectual engajada.

No âmbito político, Amado foi bastante atuante. A começar pela fundação da “Academia dos Rebeldes”, organização de aspirantes a escritores que fazia referência irônica à Academia de Letras da Bahia (AGUIAR, 2018). Em 1961, Jorge Amado entra na Academia Brasileira de Letras, instituição a qual teceu críticas por muitos anos. Foi escritor e redator em periódicos como *Jornal da Bahia*, *O imparcial*, *A Classe Operária*, *Tribuna Popular* e *Hoje*. Filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1932, foi eleito deputado pelo mesmo partido em 1946 e desligou-se do partido em 1956. Foi preso e se exilou algumas vezes por sua acalorada vida pública e convicções políticas. Com uma extensa biografia de feitos literários, Amado falece em agosto de 2001, deixando uma obra de grande fortuna crítica para a literatura brasileira.

Jorge Amado e os anos 1930 no Brasil

A década de 1930 no Brasil foi de grande efervescência política e artística. No campo político, tínhamos a chamada “Revolução de 30”¹¹, o governo provisório, o Estado Novo (1937-1945), a criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), que permitiu a censura na imprensa e na literatura, organizações comunistas clandestinas etc. No campo da literatura, temos a efetivação do modernismo brasileiro, no qual o escritor

¹¹ Ocorrência histórica marcada por diversas interpretações, que certamente se configurou como uma ditadura em seu desenvolver. Segundo Carvalho: “Um tema central da Revolução de 30, tanto entre os militares como entre os civis que chegaram ao poder, era a luta contra as oligarquias regionais e a construção de um poder realmente nacional. O grande inimigo de militares e civis revolucionários eram as oligarquias que não queriam aceitar e não aceitavam a perda de influência e poder que detinham durante a Primeira República” (CARVALHO, 1999, p. 341).

Jorge Amado estava envolto. Ele produziu obras que marcariam sua identidade como ficcionista no cenário nacional e posteriormente, também, no internacional.

A década de 1930 foi de bastante turbulência e mudanças políticas não somente no Brasil, mas no mundo. Em uma dimensão internacional, temos a ascensão do partido nazista em 1933, sob o comando de Adolf Hitler, e o crescimento dessa ideologia mundialmente. No Brasil, vamos ter a tomada de poder, através de golpe, por Getúlio Vargas em 1930, que entra no governo com o objetivo de acabar com o poder das oligarquias que até então dominavam a economia. Ele suspende a constituição vigente e cria outra somente em 1934, dando início ao Governo Constitucional. Daí em diante, se radicaliza a polarização política no país: de um lado temos a AIB (Ação Integralista Brasileira) e do outro a ANL (Aliança Nacional Liberal). Em 1937, dar-se início o Estado Novo, um governo ditatorial, permeado por diversas problemáticas.

Dentre as ocorrências no campo artístico e intelectual dos longos anos da década de 1930, podemos pensar no preâmbulo da modernidade no Brasil. Em termos mais gerais:

Quando se pensa, no entanto, os marcos de modernidade para o Brasil, não há consenso. Pode-se retomar o programa modernista e a re-leitura de Brasil realizada a partir desse movimento e da demarcação do romantismo e do modernismo como marcos de tomada de consciência e consolidação da nação que ganha concretude no movimento de redescoberta proposto pelos intelectuais vinculados ao movimento de 1922, com sequência nos anos 1930 (CAMILOTTI; NAXARA, p. 46).

Em 1922, temos o início do modernismo brasileiro, movimento artístico e literário que ampliará as noções de arte, cujo marco foi a Semana de Arte Moderna. Nos anos seguintes, se encaminhariam, na literatura e na arte em geral, obras que marcaram profundamente a história do Brasil. Esse movimento, dentro da literatura, acabou se dividindo em gerações. A primeira geração (1922-1930), caracterizada por uma busca, ainda inicial, do ideal de moderno, se disseminou através da circulação de revistas. A segunda geração (1930-1945), também conhecida como “Romance de 30” ou “Geração de 30”, foi marcada pelo regionalismo e pela pauta social, colocando em destaque o sofrimento do povo. A terceira e última geração (1945-1978) se caracterizou, principalmente, por uma literatura mais intimista.

A geração de 30 incluía, além de Jorge Amado, nomes como Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Érico Veríssimo. O romance de 30, como mencionado, foi a segunda fase do modernismo na literatura e nesta houve uma série de

produções direcionadas às causas sociais. Foi um momento de larga produção e renovação para a literatura brasileira. Segundo Candido:

Talvez se possa dizer que os romancistas da geração dos anos 1930, de certo modo, inauguraram o romance brasileiro, porque tentaram resolver a grande contradição que caracteriza a nossa cultura, a saber, a oposição entre as estruturas civilizadoras do litoral e as camadas humanas que povoam o interior – entendendo-se por litoral e interior menos as regiões geograficamente correspondentes do que os tipos de existência, os padrões de cultura comumente subentendidos em tais designações (CANDIDO, 2011, p. 41).

Nessa linha de raciocínio, o crítico da literatura Antonio Candido não vem a negar toda a vasta e vigorosa produção brasileira antes da década de 30, mas ressalta a importância da ruptura que a escrita modernista proporcionou à literatura, dando espaço a temas da camada humana, com espaços populares. Luís Bueno (2003), outro teórico que analisa o romance de 30, divide essa fase da literatura brasileira em três momentos importantes: o primeiro como “momento da inquietação” (1930-1932), o segundo como “momento de polarização” (1933-1936), auge do romance social, e o terceiro seria “o tempo da nova dúvida” (1937-1939). Foi no segundo momento que Jorge Amado figurou no cenário literário com suas obras iniciais, que seriam fortes representações do romance proletário no Brasil, cuja vertente, no entanto, foi inaugurada pela escritora brasileira Patrícia Rehder Galvão, conhecida como Pagu, em um livro intitulado *Parque Industrial*, publicado em 1933.

Nesse momento, os personagens dos romances passaram a ser pessoas marginalizadas pela sociedade: “O operário, o camponês, a mulher, a criança, o desequilibrado mental — todos se alçam a protagonistas e objetos maiores de interesse para o novo romancista que surgia àquela altura” (BUENO, 2003, p. 263). Este momento foi fundamental e permite-nos conjecturar que os romances de 30 foram reveladores como fonte e não apenas motivo de arte (CANDIDO, 2011, p. 44). Iremos nos aprofundar nessa proposição, lembrada por Candido, adiante. Por hora, afirmamos o potencial do romance de 30 em revelar, consideravelmente, traços da temporalidade.

Com *Cacau e Suor*, Amado coloca em sua literatura a fala do povo pobre, com personagens que representavam uma parcela da população brasileira que não tinha a voz ecoada na sociedade, a não ser pelos movimentos sociais em curso na época, o socialismo, por exemplo. *Cacau* apresentou um esboço de ideias socialistas, bem como a luta de classes, tudo pela voz dos trabalhadores, apresentados em duas vertentes: o operário da

fábrica e o trabalhador das lavouras de cacau, vividos pelo mesmo personagem, José Cordeiro, também narrador da história:

A gente vivia quase fora do mundo e a nossa miséria não interessava a ninguém. A gente ia vivendo por viver. Só muito de longe surgia a idéia de que um dia aquilo podia mudar. Como, não sabíamos. Nós todos não poderíamos chegar a fazendeiros. Em mil, um enriquecia. [...] Como havíamos pois de sair daquela situação de miséria? Pensávamos nisso às vezes (AMADO, 1933, p. 122).

José Cordeiro vai descrevendo a vida de alugado na fazenda Fraternidade, nos levando a refletir sobre a separação de classes e a relação opressora entre empregado e patrão, típica das grandes fazendas de cacau. Vemos aí a forma literária sendo subsidiada pela forma histórica, pois a questão das classes e das relações desiguais de poder são históricas. A lembrar que grandes teóricos marxistas dissertaram sobre tal assunto, E. P. Thompson (2001) pensando a “história vista de baixo” e Raymond Williams, pelo viés da cultura.

Com tiragem inicial de 2 mil exemplares (AGUIAR, 2018), *Cacau* foi censurado pela presença de palavrões em sua escrita. Algo que se repetiu outras vezes na carreira de Amado, mas não pelos palavrões e sim por revelar na literatura um lado degradante da sociedade, como a história dos meninos abandonados em *Capitães da Areia*, que viria a ser publicado anos depois, e por seus posicionamentos políticos divergentes do governo varguista, vigente na época.

Em *Suor*, Amado vai tratar da degradação humana em Salvador. Esse romance é tido como panfletário das concepções comunistas e, de fato, se mostra como uma produção semelhante a *Cacau*, pois fala de sujeitos socialmente degradados pela pobreza, assim como os alugados. *Suor* traz como personagens as prostitutas, os alcoólatras e os mendigos, no cenário de um casarão no Pelourinho, que se apresenta quase como um personagem da obra: “Um mundo. Um mundo fétido, sem higiene e sem moral, com ratos, palavrões e gente” (AMADO, 1934, p. 2). Semelhante ao *O Cortiço* (1890), de Aloísio de Azevedo, mas com um objetivo de denúncia mais explícito, *Suor* é uma construção de estilo do autor baiano que demonstra uma maturidade fluída para o jovem escritor de 22 anos, à época da escrita e publicação desse romance.

Amado se dedica a contar a história dos meninos em situação de rua no livro *Capitães da Areia*, publicado pela primeira vez em 1937. Se pensarmos em uma história da literatura que apresente personagens crianças na literatura nacional, lembramo-nos do livro *Menino de Engenho* (1932,) de José Lins do Rego, que conta a história do menino

Carlinhos e sua vida de agruras, morando em um engenho, uma denúncia da situação econômica e social do Nordeste.

Diferente de Rego, Amado vai para o ambiente urbano, que hora também é praiano, para contar a vida de muitas crianças, mergulhando com profundidade nas desigualdades sociais. Logo no início do romance, o escritor relata o papel das instituições no cuidado para com os menores desassistidos, com a matéria fictícia que abre o romance, “Crianças Ladronas”. Em seguida, ele apresenta cartas, também fictícias, de diferentes setores da sociedade, posicionando-se perante a problemática social dos menores infratores. Os discursos das instituições revelam um jogo de acusações sobre a responsabilidade dos menores. O juiz de direito da ficção diz: “[...] ao juizado de menores não compete perseguir e prender os menores delinquentes e, sim, designar o local onde devem cumprir pena, nomear curador para acompanhar qualquer processo contra eles instaurado etc.” (AMADO, 2009, p. 14). Já o diretor do reformatório alega que o intuito dessas instituições, ditas de recuperação, é fazer dos menores “homens de bem” (AMADO, 2009, p. 19). Desse modo, a ficção já se inicia com uma crítica à falta de ações sociais dos que deveriam representar o amparo das crianças abandonadas.

Com esse cenário inicial que se apresenta ao abrir a ficção amadiana, nos indagamos sobre como, historicamente, as crianças foram assistidas pelo Estado. A esse respeito, Maria Luiza Marcilio nos diz:

Só a partir de 1960, houve uma funda mudança de modelo e de orientação na assistência à infância abandonada. Começava a fase do “bem-estar” com a criação da FUNABEM (1964), seguida da instalação em vários estados, das FEBEMs. Com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990 e a LOAS (1993), o Estado assume enfim a responsabilidade sobre a assistência à infância e à adolescência desvalidas, e estas tornam-se sujeitos de Direito, pela primeira vez na História (MARCILIO, 2016, p. 97).

Existe um diálogo entre ficção e realidade? Sim, já que, a partir de 1960, mais efetivamente, foram criadas instituições de maior atenção à infância, que, no entanto, não contemplavam por completo o bem-estar das crianças. Podemos dizer que a obra literária *Capitães da Areia* pode ser entendida como uma história da infância abandonada no Brasil? Em termos literários, obviamente que sim, pois não existe obra mais fundante que esta para pensar essa problemática. Enquanto História, entendemos que o relato de ficção amadiano pode ser enxergado como fonte para compreender os complicados anos 1930 no Brasil, além de como se apresenta esse problema instaurador da desigualdade social no país. Existe, na obra, relatos fictícios que partem de uma situação real. Segundo

Chartier (1999): “trata-se também de considerar o sentido dos textos como o resultado de uma negociação ou transações entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social que buscam, ao mesmo tempo, os materiais e matrizes da criação estética e as condições de sua possível compreensão” (CHARTIER, 1999, p. 197).

Apresentadas tais obras de Jorge Amado, marcantes para os anos 1930, entendemos que a produção do escritor é uma junção entre estética literária apurada e seguimento dos princípios do romance social, algo que nos faz lembrar a tese de Antonio Candido (2011) que, segundo o próprio autor, Amado segue duas veias em seus romances, a veia poética e a veia documental:

Se encararmos em conjunto sua obra, veremos que ela se desdobra segundo uma dialética da poesia e do documento, este tentando levar o autor para o romance social, o romance proletário que ele quis fazer entre nós, a primeira arrastando-o para um tratamento por assim dizer intemporal dos homens e das coisas (CANDIDO, 2011, p. 44).

Por veia poética, entendemos a preocupação estética, a linguagem literária em sua descrição mais cuidadosa e lírica. Como veia documental, que se trata da intenção de falar de dramas reais da sociedade, tal como a vida dos trabalhadores e das pessoas em situação de rua e tantas outras problemáticas abordadas por Amado ao longo de sua larga produção. Antonio Candido, em *Poesia, documento e história* (1992), aprofunda a discussão, analisando como os romances *Suor*, *Cacau* e *Capitães da Areia* e outros estão permeados pelo documental e pelo poético. Seu posicionamento nos leva a crer que há um movimento dialético, uma vez que, ao tratar de problemas históricos, como a relação explorador-explorado, também consegue tocar questões relativas ao amor, aos sentimentos, às descrições ternas do âmago humano.

Acreditamos que essa vertente documental esteja mais presente em *Cacau*, pelo menos é o que sua nota introdutória revelava: “tentei contar neste livro, com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade, a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia. Será um romance proletário?”¹². Assim, a intenção do escritor era documentar, porém, sua escrita poética não deixa de estar presente, uma vez que traz, mesmo com pouco destaque, a encenação de uma paixão entre as personagens Mariá, filha de fazendeiro, e José Cordeiro, proletário. Enquanto em *Capitães da Areia*, ele se dedica a descrever a infância não somente como degradada, mas também traz o ideal de docilidade infantil que existe nas crianças abandonadas, por outro lado, ainda é

¹² Nota escrita por Jorge Amado na abertura do romance *Cacau*.

documental, pelo fato do autor usar discursos jornalísticos e de instituições de cuidado com a infância. Esses discursos são ficcionais; sem as ocorrências reais que o inspiraram, no entanto, o romance perderia sua forma.

Por fim, os anos 1930, apesar de bastante produtivos para Jorge Amado, foram também de bastante crítica negativa e de censura a sua obra. *Cacau* foi censurado devido aos palavrões que continha, o que acaba por gerar, no público leitor, mais curiosidade, “seu sucesso comercial fora ativado pela censura” (AGUIAR, 2018, p. 69). Foi preso pela primeira vez, em 1936, por acusação de ter participado da chamada Intentona Comunista e se exilou no município de Estância, em Sergipe. Tem como marco da censura a queima de livros em praça pública, na Cidade da Bahia, onde a maioria eram exemplares do recém-lançado *Capitães da Areia*, em 1937. Isso tudo em virtude do DIP e das perseguições aos comunistas pelo Estado Novo.

História e Literatura andam, conversam e até se confrontam quando lemos os livros de Jorge Amado produzidos no decorrer de 1930. Existe, portanto, uma relação dialética entre narrativa literária e narrativa histórica, pois ambas estruturam a concepção das obras de Amado. A criação ficcional se utiliza de elementos e problemáticas discutidas há anos pela história.

Considerações finais

Na célebre obra da literatura universal *Dom Quixote* (1605), Miguel de Cervantes descreve a imagem do historiador, e atenta para as suas funções e, de alguma forma, o idealiza: “[...] o poeta pode contar ou cantar as coisas não como foram, mas como deveriam ser; e o historiador deve escrevê-las não como deveriam ser, mas como foram, sem acrescentar ou ocultar nada à verdade” (CERVANTES, 2013, p. 400). Embora esta seja uma fala do século XVI, essa concepção de cunho literário esteve presente até o século XIX e foi apoiada pelos historiadores, como apresentamos no início deste artigo. Foi um percurso que exigiu rupturas e fragmentações na História.

Pudemos observar que a relação história-literatura não foi algo tão facilmente estabelecido, mas atualmente é um frutífero campo de estudos. Isso se deve ao fato das narrativas literárias serem registros do tempo, mostrando costumes, interesses, preferências políticas das épocas, dentre outros variados aspectos. Todo esse aparato de informações contido em um romance, por exemplo, nos faz entender as mudanças históricas de determinados períodos. Imbuídos de tais elementos, conjecturamos acerca do fazer literário de Jorge Amado na história do Brasil. Consideramos que a literatura

amadiana dos anos 1930, além de expressiva para a identidade do escritor, pode ser espaço de largo conhecimento histórico.

Pensamos na via dupla defendida por Antonio Candido: documental e poética. Enquanto a obra literária de Jorge Amado é poética, porque é elemento artístico, é também documental, pois traz na ficção elementos que registram a história. O escritor, que não é historiador, nos narra histórias. Tornamos essas narrativas alvos de perguntas e inquietações. Amado foi sujeito da história nos anos 1930, tendo sido um intelectual atuante. Foi escritor da história pela ficção. E agora ele e suas obras são objetos da história, nos fazendo considerar, finalmente, que o fazer literário é subsidiado pelo fazer histórico.

Referências

ABUD, Katia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. *Ensino de História*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

AGUIAR, Joselia. *Jorge Amado: uma biografia*. São Paulo: Todavia, 2018.

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Cacau*. São Paulo: Martins Editora, 1933.

_____. *Suor*. São Paulo: Martins Editora, 1934.

BARROS, José D'Assunção. *Interdisciplinaridade na História e em outros campos do saber*. Petrópolis, RJ: VOZES, 2019.

_____. *Teoria da História*. V. II. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. História e Literatura – novas relações para os novos tempos. *Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades*, n.6, mai/out, 2010, p. 1-27. Disponível em: <https://www.revistacontemporaneos.com.br/n6/dossie2_historia.pdf>.

BASTIDE, Roger. Sobre o romancista Jorge Amado. In: MARTINS, José de Barros (org.) *Jorge Amado, povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo: Martins Editora, 1972.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BUENO, Luis. Os três tempos do romance de 30. *Teresa, [S. l.]*, n. 3, p. 254-283, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/121151>>

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote*. São Paulo: FTD, 2013.

CALIXTO, Carolina Fernandes. *Jorge Amado e a identidade nacional: diálogos políticos-culturais*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói, 2011.

CAMILOTTI, Virgínia.; NAXARA, Márcia Regina. C. História e literatura: fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 50, p. 15-49, jan./jun. 2009.

CANDIDO, Antonio. *Brigada literária*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

_____. “Poesia, Documento e História”. In: *Brigada Ligeira e Outros Escritos*. São Paulo: Unesp, 1992. p. 45-60.

CARVALHO, José Murilo de. Vargas e os militares. In: PANDOLFI, Dulce (org). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. Debate: História e Literatura. *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 197-216.

DUARTE, E. A. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*, Rio de Janeiro: Record; Natal, RN: UFRN, 1996.

FAZENDA, Ivani. (Org.). *Didática e interdisciplinaridade*. 9. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2005.

_____. *O que é interdisciplinaridade?* São Paulo, Cortez, 2008.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 61-91.

MARCILIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a crianças abandonadas na história do Brasil: 1726-1950. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (org.). *História Social da Infância no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2016. p. 69-97.

PORTELLA, Eduardo. A fábula em cinco tempos. MARTINS, José de Barros (org.). *Jorge Amado, povo e terra: 40 anos de literatura*, São Paulo: Martins Editora, 1972.

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro, Record, 1990.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa* (tomo I). Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.

THOMPSON, E. P. A história vista de baixo. In: NEGRO, Antônio Lugi; SILVA, Sérgio da. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2001.

DOI: 10.47694/issn.2674-7758.v3.i8.2021.206224

TONET, Ivo. Interdisciplinaridade, Formação Humana e Emancipação Humana. *Revista do Centro de Educação e Letras da UNIOESTE - Campus de Foz do Iguaçu*, v. 10, n. 1, p. 41-61, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WILLIAMS, Raymond. *Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

Artigo recebido em 07 de março de 2021. Aprovado em 10 de agosto de 2021.